

Besouro na memória do capoeira: fantasia e negação

José Olímpio Ferreira Neto¹

Resumo

Esse artigo é uma reflexão histórico-filosófica a partir do pensamento de Marcuse (1981) sobre Besouro, um importante personagem que resistiu à ordem vigente. Seus feitos foram imortalizados e sua imagem é cantada e revivida nas rodas de capoeira em todo o mundo. Há diversas cantigas que contam sua história. A análise da história desse famoso capoeirista terá como base as categorias de memória, fantasia e imaginação presentes no capítulo *Fantasia e Utopia* da obra *Eros e Civilização*. Para melhor entendimento da filosofia marcuseana essa pesquisa amparou-se pelo estudo de Kangussu (2008). Com referência ao Besouro utilizaram-se documentários, cantigas e autores como Rego (1968), Sousa (2011) e Vasconcelos (2009). Os quase 20 anos de vivência no mundo da Capoeira experimentando as sensações oriundas da evocação dessa personagem foram fundamentais para a escolha do tema. Ao final desse estudo, acredita-se que a imagem desse importante capoeira revivido nas cantigas, prática cultural indissociável do universo capoeirístico é bastante significativa para a ativação da memória através da fantasia em busca do prazer e conseqüente negação do *status quo*.

Palavras-chave: Besouro. Cantigas. Mandinga. Fantasia. Memória.

Introdução

Manuel Henrique Pereira, conhecido pela alcunha de Besouro, vive nas rodas de capoeira. Morto ainda jovem², seu nome foi imortalizado, nas memórias dos capoeiristas, assim como os heróis homéricos foram imortalizados na história ocidental. Sua história é a história da incrível **odisseia** do negro africano em *Terras brasilis*. Hoje, seu nome é lembrado em todas as rodas espalhadas pelo mundo.

A partir do pensamento de Marcuse (1981), filósofo da *Frankfurter Schuler*, será realizado uma reflexão histórico-filosófica sobre esse homem que resistiu à ordem vigente. Os fundamentos que compõe essa cultura de negro africano no Brasil, a saber, a mandinga e as cantigas, serão analisados na tentativa de se apontar a possibilidade de uma autonomia coletiva que se recusa a aceitar a realidade estabelecida. Pergunta-se aqui, por que é possível dizer, a partir da obra *Eros e Civilização*, que a imagem de Besouro provoca a fantasia capaz de reavivar a memória gestual e oral que estimula o princípio do prazer e nega o *status quo*?

As categorias de memória, fantasia e imaginação presentes no capítulo *Fantasia e Utopia* da obra *Eros e Civilização* serão as bases dessa pesquisa. O estudo apoia-se em Kangussu (2008) para melhor entendimento da filosofia marcuseana. Com referência ao

¹ Bacharel em Filosofia – UECE, Professor de Capoeira, Licenciado em Biologia, Especialista em Educação. Acadêmico de Direito – UNIFOR. E-mail: jolimpioneto@hotmail.com A juventude de Besouro se perpetua

² até hoje com cantigas de discípulos, tal comportamento lembra os gregos em sua contemplação à beleza.

Besouro, utilizaram-se documentários, cantigas e autores como Rego (1968), Sousa (2011) e Vasconcelos (2009). Os quase 20 anos de vivência no mundo da Capoeira em meio às sensações oriundas da evocação desse mito foram fundamentais para a escolha do tema.

Os estudos durante o curso de Filosofia na UECE realizados sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Dias Gadanha, grande conhecedor do filósofo Marcuse, foram de suma importância para a realização do trabalho. Adiciona-se, ainda, a amizade com o Prof. Dr. Robson Silva, Mestre de capoeira e parâmetro intelectual. Não se pode deixar de mencionar, a frequência no ano de 2011, às reuniões do NHIME – Núcleo de História e Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, coordenadas pelo Prof. Pós-doutor Gerardo Vasconcelos que pesquisou a existência de Besouro.

1. Considerações sobre o Mito

Durante o curso de Filosofia na UECE, no ano de 2009, nas aulas de Lógico I, ministradas pelo Professor Cabral Martins, o termo mito era muito estudado. O referido professor definia o termo como *forma de manifestação do pensamento através do qual o homem tenta explicar, o que lhe é, até então, inexplicável*. Sua coerência reside na seguinte sentença: *Todo mito sempre explica alguma coisa*. Goza de credibilidade, mesmo que de forma temporária. Sua incoerência é que suas comparações com as realidades são, muitas vezes, absurdas. Mesmo com tal característica mantém um sentido explicativo.

Abbagnano (2003, p. 673) indica que “Além da acepção geral de *narrativa* [...] é possível distinguir três significados do termo”. Primeiro, pode ser entendido como forma atenuada de intelectualidade. Tal conceito tem referência na Antiguidade clássica, onde o mito é considerado um produto inferior, talvez deformado da atividade intelectual. A verdade era considerada como um produto genuíno do intelecto.

Em outro giro, na segunda acepção do termo tem-se como uma forma autônoma do pensamento e de vida. A validade e função do mito não são inferiores ao conhecimento racional, situa-se em plano diferente do plano intelectual e é portador de igual dignidade.

[...] a verdade do mito não é a verdade intelectual corrompida e degenerada, mas uma verdade autêntica, embora com forma diferente da verdade intelectual, com forma fantástica ou poética [...] *os poetas devem ter sido os primeiros historiadores das nações*, e os caracteres poéticos contêm significados históricos que, nos primeiros tempos, foram transmitidos de cor pelos povos (ABBAGNANO, 2003, p. 674).

Por fim, a terceira acepção é apresentada a partir da moderna teoria sociológica. O mito é visto como uma justificação retrospectiva dos elementos fundamentais que constituem

a cultura de um grupo. Não é uma simples narrativa, muito menos uma forma de ciência, não é um ramo de arte ou de história, nem uma narração explicativa. Está intimamente ligada à natureza da tradição, à continuidade da cultura. Sua função é reforçar a tradição, dar-lhe maior valor e prestígio vinculando-a a mais elevada, melhor e mais sobrenatural realidade dos acontecimentos iniciais (ABBAGNANO, 2003). O mito não traz a tarefa de reproduzir a realidade, se coloca como oposição a esta. Sua representação é embelezada, corrigida e aperfeiçoada. Expressa aspirações a que uma situação real dá origem.

A desvalorização do mito, presente na primeira concepção, e sua supervalorização presente na segunda, não tem lugar nesse terceiro ponto de vista, o que certamente é uma vantagem. Outra vantagem é que ele explica a função exercida pelo mito nas sociedades mais avançadas e as características díspares que ele pode assumir nessas sociedades; nelas, podem constituir mito não só narrativas fabulosas, históricas ou pseudo-históricas, mas também figuras humanas (heróis, líderes, etc.), conceitos e noções abstratas (nação, liberdade, pátria, proletariado), ou projetos de ação que nunca se realizarão. (ABBAGNANO, 2003, p. 675-676)

Para Vasconcelos (2009, p.13) “A Capoeira é um espetáculo e, em alguns casos, constituem personagens”. Personagens que podem se tornar ídolos. Um ídolo pode ser um mito ou uma lenda, quiçá os dois, como é caso de Besouro.

2. Um capoeira chamado Besouro: Princípio de Realidade versus Princípio de prazer

O homem que antes lutava unicamente para obter prazer, aprende a renunciar o prazer momentâneo, incerto e destrutivo e então o substitui pelo prazer adiado porém com garantia. Dessa forma com o princípio do prazer controlado pelo estabelecimento do princípio de realidade, o homem que não seria mais do que impulsos animais se transforma em um ego organizado. O princípio do prazer é superado pelo princípio de realidade.

Besouro³, Manuel Henrique Pereira, de inúmeras denominações, Besouro Mangangá, Besouro Preto, Besouro Cordão de Ouro é “[...] um capoeirista misterioso que viveu no início do século XX; um faquista e demolidor de normas” (VASCONCELOS, 2009, p. 15). O contexto histórico em que esse famoso capoeirista estava inserido era pós-escravocrata, porém esse regime do passado se negava a ir embora. Os negros se submetiam aos maus tratos de diversos matizes mesmos após a abolição da escravatura. Rego (1968) o aponta como um dos capoeiristas do passado que ainda permanece na memória presente e atribui tal fato às suas atitudes perigosas. Muitos são os mistérios que envolvem esse

³ Segundo Rego (1968, p. 264) Cobrinha Verde, discípulo de Besouro, afirma que esse apelido veio da crença “[...] de que muitos diziam que quando êle entrava em alguma embrulhada e o número dos inimigos era grande demais, sendo impossível vencê-los, então êle se transformava em besouro e saía voando” (*sic*).

homem misterioso. Ele é pintado “[...] como um homem de justiça, ora de briga, um homem bom, além de dotado de poderes espirituais [...] um capoeirista cheio de mandingarias [...] enigmático por desaparecer das pessoas e da polícia sem deixar rastro” (SOUSA, 2011, p. 8). Ou seja, recusava-se a aceitar o *status quo* vigente. “A civilização tem que se defender contra um espectro de um mundo que possa ser livre” (MARCUSE, 1981, p. 94).

Besouro é, ao mesmo tempo, lendário e histórico. O pesquisador Fred Abreu o aponta como o *totem*⁴ da capoeira. Inúmeras cantigas⁵ são cantadas nas rodas narrando a história do Besouro Mangangá. A letra da cantiga diz: *João Grosso e Maria Haifa*⁶, *Nunca iriam descobrir, Que de sua união, Uma lenda ia surgir*⁷ (*sic*). Segundo Rego (1968, p. 263) “Um dos seus discípulos [...] Cobrinha Verdes⁸ informa ter sido êle filho de João Grosso e Maria Haifa, bem como discípulo do capoeirista escravo chamado Tio Alípio” (*sic*).

Besouro nasce no Recôncavo baiano, em área quilombola, na revolta dos malês, muitos negros que ali viviam aderiram ao movimento. Homem temido pela polícia, seu nome estava envolvido em desordem em uma cidade que ainda vivia os resquícios da escravidão.

Pain (*apud* VASCONCELOS, 2009, p. 20) escreve que Besouro: “Nasceu em Santo Amaro [...] O mais ladino e malicioso capoeirista da Bahia. [...] não conhecia o medo, vencia a polícia dando pernada e rabo de arraia, com seus famosos saltos acrobáticos [...]”. A cantiga narra o seguinte: *Besouro cordão de ouro; Manoel Henrique Pereira; Desordeiro pra polícia; Uma lenda pra capoeira*⁹. Ele negava o sistema, recusava-se a aceitar, passivamente, a tradição do Brasil patriarcal. Conta Rego (1968) que certa vez, Besouro estava sem trabalho e foi em busca de ganha-pão. Encontrou trabalho, porém [...] “Quando foi o dia de receber o pagamento êle sabia que o patrão tinha o hábito de chamar o trabalhador uma vez, e na segunda dizia: quebrou para São Caetano¹⁰ [...] na hora do pagamento Besouro deixou que o patrão o chamasse duas vezes sem responder” (*sic*) (REGO, 1968, p. 264). Então o patrão disse o seu quebrou para São Caetano. Todos receberam o pagamento, mas Besouro não.

⁴ Segundo Abbagnano (2003, p. 963) “O termo *totem* foi extraído do idioma dos índios norte-americanos e depois passou a indicar o fenômeno [...] de transformar uma coisa [...] em emblema do grupo social [...]”.

⁵ “Pela música, Besouro integra nas lembranças dos capoeiristas de todo mundo o sinal de uma eternidade vivida e representada na cultura negra” (VASCONCELOS, 2009, p. 82).

⁶ Vasconcelos (2009) aponta que “De acordo com certidão de óbito de seu irmão, Caetano Cícero Pereira, Besouro é filho de João Martins Pereira e Maria Auta Pereira. O nome da mãe apresenta uma pequena movimentação de sonoridade que se expressa na tradição oral”.

⁷ Cantiga *Besouro Mangangá* de autoria do capoeirista Perninha – ABADA Capoeira.

⁸ Rafael Alves França, vulgo Cobrinha Verde, foi um famoso capoeirista baiano, segundo o mesmo, discípulo e primo carnal de Besouro. É fundador do Centro Esportivo de Capoeira Angola Dois de Julho. Nasceu em 1908, filho de João Alves França e Maria Narcisa Bispo. (REGO, 1968); (VASCONCELOS, 2009).

⁹ Cantiga *Besouro Mangangá* de autoria do capoeirista Perninha – ABADA Capoeira.

¹⁰ A expressão *Quebrou para São Caetano* quer dizer: “não recebe mais; e se fulano reclamasse era chicoteado e ficava prêso no tronco de madeira com pescoço, os braços e as pernas no tronco, por um dia e depois era mandado embora [...]” (*sic*) (REGO, 1968, p. 164).

Rego (1968) continua no parágrafo seguinte dizendo que Besouro entrou na casa do patrão, pegou-lhe pelo cavanhaque e o mandou gritando que pagasse o dinheiro. Ninguém conseguia acertá-lo, suas fugas viraram histórias na boca do povo. Ele não gostava da polícia. “Muitas vezes encontrava companheiros presos e os tomava da mão de qualquer soldado [...] batia em todos, tomava-lhes as armas [...]” (*sic*) (REGO, 1968, p. 264). Dizem que ele voava para fugir da polícia.

Tinha o corpo fechado, mas uma faca de tucum ou ticum, segundo contam, foi o suficiente para arrancar sua vida. E segue a cantiga: *Mandinga não vai pegar; Pois tinha corpo fechado [...]; Mataram Besouro Preto; Não foi tiro nem navalha; Com uma faca de tucum; Na velha Maracangalha*¹¹. Segundo Capoeira (1998, p. 50), Cobrinha Verde¹², que teria sido discípulo de Besouro, contava que seu Mestre

[...] que não sabia ler e estava procurando trabalho, levou uma carta *de recomendação* de um fazendeiro a outro: na própria carta pedia-se que ele fosse morto. Na véspera de sua morte, *Besouro passou a noite na casa de uma mulher da vida*. No dia seguinte, *foi cercado por uns quarenta homens, que o iam matar. As balas nada lhe fizeram, um homem o feriu à traição com uma faca* – dizem que era uma faca de ticum preparada na feitiçaria para abrir seu corpo fechado (*sic*).

Para Pain (*apud* VASCONCELOS, 2009, p. 20) Besouro: “Foi fria e covardemente golpeado em Maracangalha [...]. Veio para Santo Amaro em canoa, ficando no porto [...] até que foi transportado para Santa Casa de Misericórdia onde faleceu aos 32 anos [...]”. Vasconcelos (2009) também aponta uma declaração da Santa Casa de misericórdia com os seguintes dados: “Certifico que [...] Manoel Henrique, mulato escuro, solteiro, 24 anos [...] entrada no dia 8 de julho de 1924, às 10 e meia hora do dia do falecimento às 7 horas da noite, de um ferimento perfuro-inciso do abdômen” (PEREIRA *apud* VASCONCELOS, 2009, p. 24). A morte¹³ de Besouro é um grande mistério, envolta de inúmeras versões. O fato é que vive na memória dos capoeiristas e é constantemente convidado para visitar as rodas.

3. O retorno de Besouro: a memória, a fantasia e a imaginação como negação

A memória¹⁴ guarda a insolúvel tensão entre a ideia e o real, através da história ela

¹¹ *Continuação da Cantiga Besouro Mangangá de autoria do capoeirista Perninha – ABADA Capoeira.*

¹² Cobrinha Verde (*apud* VASCONCELOS, 2009, p. 79) “Iniciou-se na arte da capoeiragem aos 4 anos de idade. [...] dizia que naquela época, Besouro ensinava capoeira aos alunos escondido da polícia [...]”.

¹³ Segundo Vasconcelos (2009, p. 59) “[...] Besouro, feito imortalizado, pela força de sua ação, com a arte da malandragem, o filho de Ogum é incapaz de, simplesmente, morrer. Ele necessita ir muito além do inefável. É um corpus enigmático, uma tempestade de força e de resistência; uma sempre nova possibilidade de guerra e de combate que se renova para vaziar o seu tempo”.

¹⁴ Jameson (*apud* KANGUSSU, 2003) considera o conceito de memória, no pensamento de Marcuse, quase platônico, pois este a trata como *anamnêsis*. A memória natural ligada à vida uterina, cheia de plenitude e gratificação física, anterior a qualquer repressão, impossibilita a acomodação de uma vida de angústia e

traz encapsulada promessas e potencialidades obliteradas dos tempos de origem, onde o princípio de prazer predominava absoluto na mente humana. A rememoração pode ser uma potente arma para o movimento de negação que busca a liberdade. “A rememoração do passado compartilhado na memória – memória coletiva e memória individual [...] pode ligar-nos uns aos outros e ameaçar a eternidade do *status quo* por meio do *pathos* da diferença”. (KANGUSSU, 2003, p. 135).

A resignação diante do que não pode ser de outro modo torna-se aliada da sociedade na manutenção do conformismo. O esquecimento dos sofrimentos do passado e as alegrias passadas torna mais fácil sob o domínio de um princípio de realidade repressivo. Esquecer é necessário à vida humana, seria insuportável sem dada capacidade. Porém também colabora para sustentar a submissão e a renúncia. O esquecimento reproduz a injustiça¹⁵.

A fantasia inicia seu processo na infância, quando os indivíduos criam suas brincadeiras, e se perpetua na divagação mantendo-se livre da realidade e voltado inteiramente ao princípio do prazer. Ela preserva no presente o que ainda não está presente através da imaginação que indica um elevado grau de liberdade em meio de um mundo não-livre. “Por sua capacidade de ultrapassar o presente, poder antecipar o futuro, a imaginação definiria o homem *a partir do que ele efetivamente pode ser amanhã*. [...]” (KANGUSSU, 2003, p. 143). A fantasia tem a função de ligar as mais profundas camadas do inconsciente aos mais elevados produtos da consciência, o sonho com a realidade. A *razão* estabelece-se como controle do princípio de realidade. Já a fantasia é um processo mental separado, é abandonado pela organização do ego do prazer no ego da realidade. A razão torna-se desagradável, porém útil e correta, enquanto a fantasia é agradável, mas inútil e inverídica.

A imaginação preserva a memória do passado sub-histórico. Está sob o domínio do princípio do prazer, se mantém vinculada ao id, é a imagem da unidade imediata entre o universal e o particular. Os indivíduos e o mundo vivem em antagonismo, a imaginação sustenta a reivindicação do indivíduo total, em união com o gênero e com o passado. Neste quadro, “[...] a fantasia tem um valor próprio e autêntico, que corresponde a uma experiência própria [...] de superar a antagonista realidade humana. A imaginação visiona a reconciliação do indivíduo com o todo, do desejo com a realização, da felicidade com a razão” (MARCUSE, 1981, p. 134). A fantasia protesta contra a repressão desnecessária, busca a forma suprema de liberdade. “O valor de verdade da imaginação relaciona-se não só com o

miséria. A memória do tempo precedente à separação do sujeito e objeto tem um papel político.

¹⁵ Segundo Vasconcelos (2009, p. 31) “[...] o aparelho de Estado que se estrutura no início da República foi extremamente injusto com a cultura negra. Besouro levantou-se contra essa injustiça [...] não respeitou os tribunais, não se submeteu ao poder da polícia, nem a força econômica dos senhores de engenho”.

passado, mas também com o futuro; as formas de liberdade e felicidade que invoca pretendem emancipar a *realidade* histórica” (MARCUSE, 1981, p. 138).

A fantasia expressa um protesto contra o *modus vivendi*. A imaginação totalmente livre para criar permanece privilégio dos loucos e das crianças. A imaginação oferece imagens a memória inconsciente. Freud percebeu a conexão da imaginação ao princípio do prazer, porém o princípio de realidade cindiu essa relação. Uma parte está ligada para a determinação do real, das normas e dos valores, a outra parte continua livre, porém impotente e irrealista.

As cantigas de capoeira se apresentam como uma importante fonte histórica sobre esse capoeirista transgressor. Despertam junto com a gestualidade a comunicação entre o passado e o presente que coabitam no espaço atemporal da roda de capoeira. Mesmo com as mudanças ocorridas no decorrer da história, a música, ainda figura como elemento indispensável à roda. É a partir dela que a memória é celebrada. “Os mitos são contados e recontados. Seus feitos lembrados. Podem transmitir ensinamentos ou celebrar as dores vividas e a resistência do negro na sociedade” (VASCONCELOS, 2009, p. 75).

Além da linguagem oral documentos também foram encontrados que comprovam a existência da lenda. Porém, como aponta Fred Abreu “*O documento também pode ser um mito. Não é porque está documentado que a veracidade se faz presente*”. Antônio Liberac foi o primeiro a coletar documentos que comprovam a existência desse ídolo que é lenda e mito. Vasconcelos (2009) também realiza uma importante pesquisa documental e oral que aponta o nascimento de Besouro para o ano de 1895 e o seu falecimento para 1824.

Para Capoeira (1998), Besouro Cordão-de-Ouro vive no *Imaginário da Capoeira*¹⁶ junto a homens como Bimba e Pastinha, e ainda junto aos chamados valentões da capoeira, como Nascimento Grande e Manduca da Praia. Lá, também, encontram-se os orixás africanos¹⁷. Esses homens são “Homens que, como nós, viveram esta vida de amores e de ódio, carne-osso-e-sangue, lutas, prazer, projetos e derrotas” (CAPOEIRA, 1998, p. 50).

No livro *A morte*¹⁸ *de Besouro*, Sousa¹⁹ (2011), conhecido nas rodas como Mestre Chitãozinho, diz, em um possível estado de inspiração, que “[...] estava percebendo *flashes* [...] a respeito de curiosas ideias acerca de Besouro Mangangá. [...] sentei de frente para o

¹⁶ Segundo Capoeira (1998, p. 50) “Existe um país fantástico de sonho e fantasia que os capoeiras visitam em suas viagens astrais”.

¹⁷ Jair Moura (apud Capoeira, 1998, p. 50) dizia que o capoeira “geralmente tinha seu santo [...] Oxóssi ou Ogum [...]”. Vasconcelos (2009, p. 33) afirma que Besouro é filho querido de Ogum.

¹⁸ “Toda morte representa um renascimento. Um lugar em que, nas consciências arcaicas, as experiências elementares [...] são das metamorfoses, das desapareições e das reaparições, das transmutações, toda morte anuncia um renascimento” (VASCONCELOS, 2009, p. 57).

¹⁹ Sousa (2011, p. 8) deixa para o leitor a veracidade do texto na seguinte passagem: “Uma ficção histórica? Uma literatura popular? Uma novela? Que decida cada um, de acordo com suas necessidades e convicções...”

computador e digitei [...] os nomes dos 21 capítulos” (SOUSA, 2011, p. 8). A narrativa conta a suposta vida de Besouro no além-túmulo. No último capítulo, intitulado *O voo simbólico da lenda Besouro*, o protagonista trava o diálogo com Simão, um amigo espiritual sobre a transformação de seu nome em lenda. Ele retornaria ao plano terreno para intuir os homens sobre suas histórias. Sua imagem seria levada às mentes do povo. “Enquanto o povo existir, existirá cultura [...] Já pensou: Apagando-se as ideias da mente do povo, acabam-se as pessoas na Terra [...]” (SOUSA, 2011).

O mito, para Lèvi-Strauss (*apud* ABBAGNANO, 2003, p. 675), apresenta-se como *filosofia nativa* “[...] que é a forma como o grupo social expressa sua própria atitude em relação ao mundo ou como procura resolver o problema da sua existência”. O mito de Besouro é uma alternativa ao princípio de realidade, evoca através da fantasia a memória de um mundo melhor através da negação em busca do prazer.

A imagem de Besouro é revivida através da corporeidade desenhada na gestualidade da mandinga, além da oralidade expressa através das cantigas²⁰ que convidam esse herói a se fazer presente na roda. *Quem é você que acaba de chegar bis (coro); Eu sou o Besouro Preto; Besouro de Mangangá; Eu vim lá de Santo Amaro; Vim aqui só pra jogar [...]*. Na prática da capoeira: “O mito participa de um *corpus* cultural que pode ser cantado, gingado, teatralizado ou jogado na grande roda ou na volta que o mundo dá” (VASCONCELOS, 2009, p. 88). Besouro era “Um negro capoeirista que viveu no início do século XX, que não temia a polícia nem os proprietários do lugar” (*Ibidem*, p. 22). Sua vida transitava pelo discurso jurídico entre o desordeiro e o justiceiro que protegia os desfavorecidos, comprava a briga dos outros, se visse alguém ser mal tratado ou injustiçado, tomava a frente e defendia a pessoa. “Não se justificava [...] retirar de quem não tinha. A sua valentia imprimia respeito e, ao mesmo tempo, temor” (*Ibidem*, p. 30).

Albuquerque (2011, p. 1) afirma que

Na capoeira, o culto aos ancestrais perpassa os momentos dos treinos e das rodas, funcionando como elemento de integração. Os capoeiristas do passado, capoeiras ancestrais, são constantemente evocados para trazer seus ensinamentos, suas vivências, seu axé²¹, unificando as experiências.

A mandinga²² é um elemento presente no jogo de capoeira. O mestre Lua Rasta

²⁰ Nota-se que a cantiga “[...] é o diálogo. Não é o diálogo normal entre duas pessoas presentes, mas entre uma pessoa humana presente e outra pessoa ou coisa ausente [...]” (REGO, 1968, p. 89).

²¹ Axé é como se designa a força vital que confere dinamismo e possibilita os acontecimentos e transformações, a energia mágico-sagrada das divindades, dos seres vivos e das coisas (ALBUQUERQUE, 2011).

²² “A Capoeira é para Mestre Pastinha *Mandinga de escravo em ânsia de liberdade*. [...] A mandinga é a negação do estabelecido, busca a liberdade, se liberta do previsível, do padrão, do normatizado; inova, surpreende, cria. É manifestação do não esperado, do imprevisível. [...] A mandinga não é uma fuga, mas a

(*apud* FERREIRA NETO, 2011, p. 50) quando fala em Mandinga liga o termo a Besouro. Diz ele que “*Besouro Preto, ele tinha, é claro [...] as viagens dele em relação a si sumir... Depois de uma aglomeração de uma briga e a polícia montada vinha e, de repente, o cara entrou por aqui, não tem saída e, de repente, o cara não tá mais ali mesmo*” (*sic*).

No documentário, *Memórias do Recôncavo: Besouro e outros capoeiras*, promovido pelo Programa Federal Capoeira Viva do Ministério da Cultura, alguns idosos da região, capoeiristas ou não, dão seus depoimentos sobre os mistérios da região do Recôncavo baiano. Um deles, quando indagado sobre a mandinga, fala que “*Aqui tem mandinga muita, gente que virava bicho*”. No mesmo documentário o pesquisador Fred Abreu coloca sobre o assunto o seguinte: “*Se tem mandinga na capoeira? Tem, mas o que é? A gente responde dando risada*”. O conceito de mandinga não é fechado no sistema cartesiano.

Através do ritual presente na capoeira “*Produz-se uma memória coletiva constitutiva de um sentimento de pertença e de integração dos capoeiristas do presente com os de outrora, com os negros escravizados e com a África da qual, estes foram retirados*” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 1).

Besouro tinha seu próprio conceito de justiça, vivia entre o limite do justo e injusto, a ordem e a desordem. O filho querido de Ogum, guerreiro de Santo Amaro, não se entregava aos sinais de ordem e a imposição da lei. Ele se contrapunha a lei dominante da República Velha, ultrapassando a norma do direito positivo. Seu modo de fazer “[...] justiça, era própria de sua cultura de resistência ou dos caminhos encontrados para vazar a justiça da cultura dominante” (VASCONCELOS, 2009, p. 31).

Sua história mistura realidade e ficção, seu nome é lembrado nas rodas de capoeira reavivando a memória de tempos de luta pelo prazer, pela liberdade, pela felicidade. A fantasia que envolve o seu nome envolve os praticantes de hoje em ideias coletivas de irmandade e de resistência frente ao sistema opressor que busca diluir as forças dos indivíduos. O prazer na sociedade hodierna é controlado e concedido para manter o *status quo*. Mas através da capoeira pode-se vislumbrar a possibilidade de um mundo diferente.

Considerações finais

Manoel Henrique Pereira ficou conhecido pela alcunha de Besouro. Seus feitos foram imortalizados e sua imagem é cantada e revivida nas rodas de capoeira em todo o mundo. Há diversas cantigas que contam sua história. Não se pode matar esse mito. Ele é constantemente reinventado pelas, sempre novas, necessidades das gerações presentes.

negação do estabelecido” (FERREIRA NETO, 2011, p. 49).

O princípio de realidade afasta o homem do prazer que liberta e dá felicidade. Apenas a *fantasia* conserva-se longe do princípio de realidade e se mantém ligada ao princípio do prazer. A fantasia é atividade mental, alimentada pela memória, que mantém um grau de liberdade elevado em relação ao princípio de realidade. A imaginação é uma contraposição a racionalidade instrumental.

Ao final desse estudo, acredita-se que a imagem desse importante capoeira revivido nas cantigas, prática cultural indissociável do universo capoeirístico e na plástica dos movimentos, é bastante significativa para a ativação da memória através da fantasia em busca do prazer e conseqüente negação do *status quo*.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALBUQUERQUE, Carlos Vinícius Frota de. **Capoeira e memória: o culto aos ancestrais como suporte à identidade**. 2011.

CAPOEIRA, Nestor. **Besouro Cordão-de-Ouro nas terras do Imaginário da Capoeira**. In: Revista Capoeira, Brasil: Editora Candeia, 1998. p. 50.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **Capoeira, um olhar a partir da filosofia de Herbert Marcuse: A cultura e seu caráter negativo em busca da liberdade**. Monografia apresentada ao Curso de Filosofia. Orientador: Alberto Dias Gadanha. Fortaleza: UECE, 2011. 59f.

KANGUSSU, Imaculada. **Leis da liberdade, a relação de estética e política na obra de Herbert Marcuse**. São Paulo-SP: Loyola, 2008.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma interpretação Filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MEMÓRIAS do Recôncavo: Besouro e outros capoeiras. Direção de Pedro Abib; Doc Doma Filmes; Bahia, 2006.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico**. s/ed., Salvador, BA: Editora Itapuã, 1968.

SOUSA, Manoel Lima. **A morte de Besouro Mangangá**. Cambridge, UK, 2011.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Besouro Cordão de Ouro: o capoeira justiceiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.